

DO QUADRINHO AO CINEMA: A NOSTALGIA NOS *CAMEOS* DE STAN LEE

Maria Valeria Espinos Guerra Martins¹

Resumo

Este artigo analisa os cameos de Stan Lee no Universo Cinematográfico da Marvel (MCU) como dispositivos de memória e nostalgia. Partindo da compreensão da cultura pop como prática midiática atravessada por processos de citação, recursividade e mercantilização simbólica, investigamos de que forma essas participações especiais ultrapassam a função de recurso cômico ou de fan service, transformando-se em elementos centrais da experiência cultural dos fãs. O objetivo é demonstrar como os cameos recuperam a nostalgia por meio de uma prática que remonta às HQs, quando Lee já aparecia como personagem autorreferencial. Metodologicamente, combinamos revisão bibliográfica e análise documental com levantamento empírico em redes sociais. O monitoramento realizado entre 9 e 15 de agosto de 2024, a partir da palavra-chave “Stan Lee”, evidenciou a permanência de menções majoritariamente positivas, associadas a gratidão e reconhecimento, ainda que acompanhadas de críticas sobre a centralização de sua figura em detrimento de outros criadores da Marvel. Os resultados indicam que os cameos operam como pontos de contato entre passado e presente, reforçando laços afetivos intergeracionais e consolidando a memória de Lee como ativo simbólico da indústria do entretenimento. Concluímos que tais participações condensam a ambiguidade do legado de Stan Lee: ao mesmo tempo homenagem celebratória e mercantilização de sua imagem.

Palavras Chave: Stan Lee; Cameo; MCU (Marvel Cinematic Universe); Cultura pop; Nostalgia.

Abstract

This article analyzes Stan Lee’s cameos in the Marvel Cinematic Universe (MCU) as mnemonic devices of nostalgia. Based on an understanding of pop culture as a media practice marked by processes of citation, recursivity, and symbolic commodification, we investigate how these special appearances go beyond comic relief or fan service, becoming central elements of the fans’ cultural experience. The aim is to demonstrate how cameos evoke nostalgia through a practice that originates in comic books, when Lee already appeared as a self-referential character. Methodologically, we combine bibliographic review and documentary analysis with empirical research on social media. Monitoring conducted between August 9 and 15, 2024, using the keyword “Stan Lee,” revealed a predominance of positive mentions, associated with gratitude and recognition, although accompanied by criticism of the over-centralization of his figure at the expense of other Marvel creators. The results indicate that the cameos operate as points of contact between past and present, reinforcing intergenerational affective bonds and consolidating Lee’s image as a symbolic asset of the entertainment industry. We conclude that such appearances encapsulate the ambiguity of Stan Lee’s legacy: at once celebratory homage and commodification of his persona.

Keywords: Stan Lee; Cameo; MCU (Marvel Cinematic Universe); Pop culture; Nostalgia.

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi; Docente do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Marvel expandiu sua presença para além das HQs, investindo em produções cinematográficas e televisivas voltadas tanto para os fãs de super-heróis quanto para o chamado “público médio”, que nem sempre possui conhecimento prévio sobre o universo dos quadrinhos. Personagens criados nas décadas de 1960 ganharam vida em um universo compartilhado, coeso e plural, que se estende entre cinema e TV. Seja em adaptações fiéis de arcos consagrados, em narrativas que combinam diferentes épocas e enredos, ou na valorização de heróis menos conhecidos, a Marvel tem recorrido ao sentimento de nostalgia dos fãs para consolidar o sucesso de suas produções, especialmente durante a fase 3 do MCU.

Entre os recursos mais marcantes dessa estratégia estão as aparições de Stan Lee. Os cameos se tornaram não apenas momentos de humor ou surpresa, mas também um ritual esperado, funcionando como elo entre diferentes gerações de espectadores. Cada breve aparição reafirmava sua posição como figura central na história da Marvel e, ao mesmo tempo, criava uma cumplicidade com os fãs. Com o passar do tempo, esses cameos² passaram a operar como dispositivos de memória, condensando em segundos a relação afetiva construída entre criador, personagens e audiência.

O cameo se situa, assim, na interseção entre a cultura de celebridades e as práticas participativas da audiência, que reconhece nesses instantes fragmentos documentais e os reinsere em sua memória cultural. Stan Lee representa um caso específico de celebrity cameo³: participações curtas, sempre reconhecíveis, mas nem sempre como ele mesmo. Embora essa tradição tenha se consolidado no MCU a partir dos anos 2000, suas aparições em produções da Marvel são anteriores e revelam um fenômeno recorrente.

O objetivo é demonstrar como os cameos de Stan Lee no MCU funcionam como dispositivos de memória que recuperam a nostalgia dos fãs, justamente por remeterem à origem dessa prática nas HQs. Desde suas primeiras aparições como figura

² Ernest Mathijs (2013) define o cameo como “uma breve aparição de uma pessoa publicamente conhecida e instantaneamente reconhecível, o que torna mais difícil aceitá-la como personagem do que como pessoa pública”. No caso da Marvel, as participações de Stan Lee cumprem esse papel, enriquecendo a experiência do público ao proporcionar uma conexão emocional e nostálgica que ultrapassa a lógica imediata da trama.

³ O termo *celebrity cameo* refere-se a participações especiais de celebridades em filmes, séries ou outras mídias, geralmente em papéis curtos, facilmente reconhecíveis e carregados de intertextualidade. Ao contrário de um papel convencional, o foco está menos no personagem e mais no reconhecimento imediato da figura pública pelo público (MATHIJS, 2013)

autorreferencial nos quadrinhos, consolidou-se uma prática midiática que, mais tarde, foi transportada para o cinema. Analisar os cameos permite compreender como a Marvel reativa essa prática como estratégia de reconhecimento e afeto, transformando-a em parte central da experiência cultural do público.

A escolha desse objeto se justifica porque os cameos de Stan Lee evidenciam uma prática midiática que atravessa diferentes formatos e temporalidades, articulando a nostalgia dos quadrinhos com a experiência audiovisual do MCU. Mais do que simples aparições, essas participações funcionam como pontos de contato entre passado e presente, permitindo que fãs de diferentes gerações reconheçam e atualizem seu vínculo com a marca. Ao mobilizar a nostalgia como recurso narrativo e afetivo, os cameos revelam como a indústria do entretenimento reconfigura práticas autorreferenciais em estratégias de curadoria simbólica.

Como metodologia, combinou-se a revisão bibliográfica e análise documental com levantamento empírico em redes sociais. Para esta última etapa, utilizou-se a ferramenta BrandMentions para monitorar publicações no período de 9 a 15 de agosto de 2024, a partir da palavra-chave “Stan Lee”. Foram categorizadas menções positivas, negativas e neutras em torno dos cameos, buscando compreender como esses dispositivos continuam mobilizando afetos e disputas de memória. Os resultados são apresentados na seção dedicada à recepção. Este artigo é resultado de uma pesquisa mais ampla desenvolvida pela autora em sua tese de doutorado, dedicada a investigar memória, cultura pop e a recepção de Stan Lee no Brasil.

O uso da nostalgia na cultura pop

A cultura pop pode ser definida como “conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática” (SOARES, 2014, p. 2), isto é, ancorados nas indústrias criativas que dominam a produção cultural a partir do século XX. Embora fundada sobre bases industriais, ela é capaz de oferecer ao público um senso de comunidade, funcionando como âncora simbólica de valores compartilhados (JANOTTI JR., 2015) e constituindo repertórios híbridos que atravessam o local, o nacional e o global (MARTEL, 2013).

Nessa perspectiva, a cultura pop se manifesta como memória “internacional-popular”, capaz de fornecer sentido em meio às transformações constantes do mundo

contemporâneo (ORTIZ, 2003). Ainda segundo Ortiz, a consolidação dessa cultura remonta às indústrias culturais dos anos 1950, quando a juventude passou a ser vista como público central e mercado em expansão. Kellner (2001) reforça que a cultura midiática fornece modelos de reconhecimento e atua na construção de identidades.

É nesse cenário que se compreendem os cameos de Stan Lee: práticas que ultrapassam o recurso cômico e se tornam elementos de memória coletiva, acionando afetos e produzindo vínculos entre diferentes gerações de espectadores. Fruto da alta modernidade, a produção pop é marcada por um “presenteísmo⁴” que privilegia a banalidade e o entretenimento (CASTRO, 2015). Baudrillard (1995) já alertava para o aspecto cíclico da cultura de massa e sua reciclagem: uma cultura que não é feita para durar, mas que está sempre sendo redescoberta. Essa lógica reflete a condição “líquida” identificada por Bauman (2001), marcada pela fluidez e impermanência. Nesse cenário, a cultura pop recorre à recursividade, à citação e à paródia para ressignificar seus próprios códigos (HUTCHEON, 1991).

A nostalgia emerge desse processo. Niemeyer (2018) observa que ela se situa entre recordação e esquecimento, idealização e criatividade, remetendo a tempos não vividos ou a futuros que nunca ocorrerão. Simon Reynolds (2011) acrescenta que a nostalgia é uma das grandes emoções do pop: desde sempre a cultura popular se alimentou de seu passado como ponto de referência em remakes ou relançamentos, mas a partir dos anos 2000 esse fenômeno se intensificou, reduzindo a distância temporal entre original e revisita. O “retrô” se tornou fascinação pelo passado imediato, reativado por meio de objetos midiáticos.

Nesse viés, os cameos de Stan Lee no MCU operam como gatilhos nostálgicos capazes de mobilizar a memória coletiva dos fãs. Embora remetam a uma prática iniciada nos quadrinhos, atualizam no cinema uma tradição que reativa o passado em pleno presente. Para a indústria, isso representa vantagem: reconhecimento, audiência e lucro ao cultuar referências já legitimadas (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2017).

⁴ O conceito de “presenteísmo”, tal como empregado por Castro (2015), refere-se à ênfase da cultura pop no tempo presente, marcada pela exploração da banalidade, do entretenimento e do cotidiano imediato. Diferencia-se do uso comum do termo em estudos sobre relações de trabalho, em que designa a prática de comparecer fisicamente ao ambiente laboral sem estar plenamente produtivo.

As transformações econômicas, tecnológicas e socioculturais aceleradas — marcadas pelo desencanto e pela perda de confiança em instituições (CASTELLS, 2018) — intensificam o desejo por estabilidade e pertencimento. Nesse cenário, os cameos de Lee oferecem familiaridade e continuidade, reconfortando o público ao reinscrever o criador no coração de uma franquia em expansão. Como lembra Niemeyer (2018), a nostalgia é ambígua: conecta gerações, mas também pode ser explorada comercialmente. Os cameos condensam essa tensão: celebração afetiva, a nostalgia e mercantilização da memória.

Dos quadrinhos ao MCU

As aparições de Stan Lee nos quadrinhos iniciaram-se como simples inserções feitas por artistas da Marvel, que as usaram como piadas internas ou “easter eggs⁵” para leitores atentos. No início, esses cameos eram discretos e pouco mais do que referências sutis à presença de Lee no processo criativo dos quadrinhos. No entanto, com o crescimento de sua popularidade e o aumento de sua relevância dentro da Marvel, essas inserções evoluíram significativamente ao longo das décadas, tornando-se uma parte integral do estilo e da narrativa da editora.

Durante as décadas de 1960 e 1970, os cameos de Lee passaram a ter uma qualidade mais metatextual. A ideia de quebrar a quarta parede, em que o criador interage diretamente com os personagens e com a realidade ficcional do universo, foi uma prática raramente vista antes dessa época no gênero de super-heróis. Uma das primeiras e mais notáveis dessas inserções ocorreu em “Fantastic Four no. 10” (1963), (Figura 1) quando o Doutor Destino visita Lee e Jack Kirby em seu estúdio. Esse momento não apenas marcou a presença de Lee dentro do próprio universo da Marvel, mas também revelou seu crescente status como uma figura importante e até mesmo uma celebridade dentro de seu próprio universo de criação. A interação entre criador e criação foi uma característica central do trabalho de Lee.

⁵ O termo *easter egg* (literalmente, “ovo de Páscoa”) surgiu na indústria dos videogames nos anos 1980 para designar mensagens, imagens ou elementos ocultos deixados propositalmente pelos criadores. Posteriormente, o conceito se expandiu para a cultura pop em geral, referindo-se a referências escondidas, piadas internas ou detalhes sutis em filmes, séries e quadrinhos, que recompensam a atenção do público e reforçam vínculos com os fãs.

Figura 1 – Fantastic Four No. 10 (1963)



Fonte: Marvel

Esse tipo de interação continuou a se expandir, como evidenciado em “Fantastic Four Annual #3” (1965) (Figura 2), em que Lee e Kirby tentam interromper o casamento de Reed Richards e Sue Storm. Aqui, Lee e Kirby aparecem dentro da narrativa, com seus próprios personagens tentando realizar uma ação no mundo dos heróis. Essa autonomia narrativa na construção de suas aparições tornou-se uma marca registrada de Lee. Ele não era mais apenas uma figura de bastidores, mas uma presença ativa na história, com sua participação diretamente ligada ao enredo dos quadrinhos.

Figura 1 – Fantastic Four Annual #3 (1965)



Fonte: Marvel [s.d.].

Nos anos subsequentes, a Marvel começou a incorporar elementos metanarrativos⁶ mais explícitos. Durante esse período, lançou uma série de edições anuais que apresentavam elementos de “documentação dos bastidores” das histórias, como forma de destacar o processo criativo por trás dos quadrinhos. Essas edições frequentemente retratavam Lee interagindo com os artistas, muitas vezes de maneira irônica e autocrítica.

Por exemplo, em “Amazing Spider-Man Annual No. 1” (1964), Steve Ditko expressa sua frustração com Lee, dizendo: “O que você quer dizer com ‘nós’? Eu desenho enquanto você pratica assinar seu nome por toda parte!” Esse tipo de humor e autocrítica se tornou um elemento central nas aparições de Lee, refletindo a relação tanto colaborativa quanto de tensão que ele compartilhava com os artistas da Marvel.

A introdução do conceito de “metaficção” nas histórias da Marvel trouxe uma nova camada de complexidade para as aparições de Lee, à medida que ele passou de uma simples inserção humorística para uma reflexão sobre seu próprio papel como criador

⁶ O termo “metanarrativo” refere-se a recursos autorreflexivos utilizados em uma obra para comentar ou expor sua própria estrutura e processo de criação. Em quadrinhos e cinema, aparece em momentos em que a narrativa revela ao público que é uma construção ficcional, rompendo a ilusão de realidade.

dentro do universo Marvel. Em “What If? #11” (1978) por exemplo, Lee aparece com outros membros da equipe da Marvel em uma história ambientada em uma realidade alternativa. Essa história funde o conceito de “Bullpen”, o apelido dado aos escritores da Marvel, com o Quarteto Fantástico. Lee assume o manto do Sr. Fantástico, enquanto outros membros da equipe, como Jack Kirby, são transformados em personagens conhecidos do universo Marvel. Essa aparição não só brinca com o conceito de identidade, mas também destaca a natureza colaborativa do processo criativo dentro da Marvel.

Com o passar do tempo e à medida que a visibilidade pública de Lee aumentava, suas aparições nos quadrinhos tornaram-se mais autorreflexivas. Em “Stan Lee Meets Spider-Man” (2006), Lee interage diretamente com Homem-Aranha refletindo sobre a criação e evolução do personagem. A partir dessa série, os cameos de Lee passaram a ser mais do que simples participações: eles se tornaram uma maneira de ele explorar sua própria relação com os personagens que ajudou a criar, oferecendo uma reflexão mais profunda sobre seu legado no universo Marvel.

Esses cameos, inicialmente simples e humorísticos, com o tempo, passaram a ser um elemento fundamental na formação da identidade da Marvel Comics. Eles desempenhavam o papel de diversão e interação com os fãs, e funcionavam como um meio de reforçar a ligação entre criador e criação, além de oferecer uma reflexão crítica sobre a indústria dos quadrinhos.

A evolução das aparições de Lee demonstrou como ele se tornou uma figura central na construção do universo Marvel, contribuindo significativamente para a construção do seu legado cultural e para a manutenção da conexão entre os leitores e os personagens que ele ajudou a criar.

A inserção recorrente de Stan Lee nos filmes do Universo Cinematográfico Marvel pode ser analisada através da lente da “autoconsciência textual” ou “textual self-awareness⁷”. Esse conceito descreve a consciência da própria estrutura da narrativa, na qual elementos internos do texto são trazidos à tona, interagindo diretamente com o espectador e fazendo com que ele se reconheça como parte dessa construção ficcional.

⁷ O conceito de *textual self-awareness* (ou “autoconsciência textual”) refere-se à capacidade de uma obra reconhecer e expor sua própria condição de texto ou narrativa. Está associado a práticas de autorreferência, ironia e ruptura da quarta parede, comuns na cultura pop, em que personagens ou autores chamam atenção para o próprio processo de criação da história.

Em seus estudos sobre convergência cultural, Jenkins et. al. (2015) sugerem que essas aparições funcionam como uma forma de conectar diferentes manifestações da Marvel, dos quadrinhos ao cinema, criando uma continuidade narrativa que transcende a mídia. Essas inserções reforçam a unidade dentro da diversidade do universo Marvel, articulando suas múltiplas adaptações e expansões da marca.

Lee não era apenas um elemento de entretenimento efêmero, sua presença nos filmes do MCU representava uma espécie de narrador onisciente, uma constante que se estendia entre as diferentes fases desse universo. Como uma figura fundamental da Marvel, sua participação simbólica, além de contratual, tornava-se quase mitológica dentro do imaginário coletivo dos fãs. A natureza quase sagrada de suas aparições era marcada por um status venerado, que os fãs esperavam e celebravam com entusiasmo, transformando cada momento em um reconhecimento formal da sua monumental contribuição à cultura pop. Isso vai além de uma simples homenagem, pois essas participações também solidificam seu legado como criador e figura central para a Marvel, algo ressaltado por Fingerroth (2021) em sua análise sobre o impacto dos pioneiros dos quadrinhos.

Em aparições públicas, Stan Lee era frequentemente representado como um “doce velhinho amável”. No entanto, no MCU, ele não era apenas um adorno. Sua presença nos filmes tinha mais do que um caráter contratual, ele havia assinado um contrato vitalício com a Marvel, garantindo sua participação nas produções até a sua morte. Essa participação carregava um significado simbólico, sendo uma marca registrada de sua associação ao universo cinematográfico.

Ainda que em suas aparições menores, Lee sempre foi facilmente identificado, transformando-se em uma figura pública de peso que o público aguardava ansiosamente para ver, como se esperasse o reconhecimento de uma autoridade dentro da narrativa. Em muitas dessas participações, ele não apareceu apenas como um observador ou coadjuvante, mas como uma parte integrante da história, conectando o universo fictício e o real.

Essas participações especiais, no contexto do MCU, sempre apontavam para o mundo fora do filme, proporcionando uma reflexão sobre o entrelaçamento entre a realidade e a ficção. O espectador não apenas reconhecia Stan Lee como um criador, mas também como uma figura pública, um ícone da cultura pop, parte da construção do

próprio universo Marvel. Esses cameos, mais do que simples aparições, se tornaram momentos de transgressão da quarta parede, convidando o espectador a refletir sobre a construção e os bastidores do próprio universo Marvel.

Em seu auge no MCU, Lee também se tornou um símbolo de homenagem não apenas para os fãs, mas também para os próprios personagens do universo Marvel. Ele deixou de ser apenas o criador para se tornar um observador ativo daquilo que ajudou a construir. A forma como ele foi retratado no filme, como um observador cósmico, dentro e fora da narrativa, refletiu o impacto contínuo de sua contribuição, enquanto sua imagem também era celebrada como um ícone dentro do próprio universo ficcional.

Mesmo após sua morte, sua presença foi mantida como uma homenagem póstuma em filmes como *Deadpool & Wolverine* (2024), reforçando o vínculo entre a ficção e a realidade, que sempre caracterizou seus cameos. Essas aparições especiais não apenas proporcionam momentos de entretenimento para os fãs, mas também simbolizam a continuidade do MCU e reafirmam a centralidade de Stan Lee na história da Marvel. Sua presença nos filmes transcende as barreiras do texto ficcional, consolidando-se como um elemento essencial da experiência do público. Lee atuou como uma ponte entre o criador e a criação, estabelecendo-se como figura permanente no universo Marvel e assegurando que sua contribuição fosse perpetuada em diferentes formatos e mídias (Figura 3), desde os quadrinhos até as adaptações cinematográficas.

Figura 2 – Conjunto de cameos de Stan Lee



Fonte: Everett (2018).

Cameos como reforço cultural

Os cameos funcionam como memórias que conectam espectadores a uma tradição contínua, criando identidade coletiva e reforçando o legado cultural da Marvel. Nunes (2001) explica que a memória coletiva se organiza na semiose, sendo continuamente mediada pelos dispositivos culturais. Nesse sentido, a recorrência das aparições de Lee pode ser compreendida como um “selo de aprovação”, lembrado inclusive na brincadeira do próprio autor sobre o fracasso de *Quarteto Fantástico* (2015), quando ironizou que sua ausência explicaria a recepção negativa (WOLK, 2018).

Estima-se que Lee tenha realizado cerca de 60 participações em filmes, séries, animações e outros formatos, incluindo 22 no MCU. Essa onipresença transformou-se em uma espécie de “cameo eterno”, reforçado inclusive por aparições póstumas viabilizadas digitalmente. Para os fãs, cada nova aparição simbolizava continuidade e legitimidade, funcionando como ponto de contato intergeracional.

Essas participações consolidaram a imagem de Lee como ícone cultural, mas também evidenciaram a ambiguidade de sua persona pública — entre criador e celebridade, fã e empresário. Suas aparições materializam a tensão descrita por Jenkins (2009) sobre a relação entre fã e produtor: ao mesmo tempo cúmplice e controladora.

No Universo Cinematográfico da Marvel (MCU), Stan Lee participou de 22 filmes, começando com *Homem de Ferro* (2008) e encerrando com *Vingadores: Ultimato* (2019). Em outros projetos, ele também apareceu em produções como *X-Men* (Fox), *Homem-Aranha* (Sony) e *Quarteto Fantástico* (Fox).

Além das participações no universo do MCU, Lee realizou participações em mídias diversas, como videoclipes, jogos eletrônicos e até produções não relacionadas à Marvel. Algumas dessas aparições, notavelmente póstumas, foram viabilizadas por meio de gravações anteriores ou efeitos digitais, evidenciando que nem mesmo a morte escapou ao papel contínuo de Stan Lee como um “cameo eterno”. A Tabela 1 demonstra um resumo estimado das participações de Lee e evidencia a integração de sua imagem como um símbolo constante, tanto dentro quanto fora do universo Marvel.

Tabela 1 – Aparições – cameos de Stan Lee

Categoria	Número estimado de participações
Universo Cinematográfico da Marvel	22
Outras franquias Marvel (X-Men etc.)	25+
Séries de TV, animações e videoclipes	10+
Participações em jogos eletrônicos	3+
Total Aproximado	60+

Fonte: elaborada pela autora.

Lee continuou ativo na cena das convenções, até 2016, fazendo aparições em várias convenções, explicando, “é que os fãs ainda se importam. Eu gosto de todas as convenções de quadrinhos: as menores são mais fáceis, as maiores são emocionantes” (Cavna, 2016).

Lee se posicionou como o rosto da Marvel, independentemente de sua posição real dentro da empresa. Simultaneamente, manteve-se como fã, codificando essa situação em seus vários engajamentos com a maior comunidade de fãs da Marvel.

Suas aparições serviram para solidificar sua posição como uma figura de culto dentro da cultura pop, ao mesmo tempo que destacavam sua habilidade de navegar entre os mundos de produtor e fã. Entre os fãs suscitaram grandes teorias, segundo as quais Lee seria a versão cinematográfica do Vigia – uma criatura milenar que habita o Multiverso da Marvel com o único objetivo de observar e acompanhar os planetas onde há vida inteligente. Por isso, ele aparece em tantos lugares simultaneamente, mesmo em filmes de diferentes distribuidoras, como Fox, Sony e Disney. A cena de *Guardiões da Galáxia*, vol. 2, reforçou essa hipótese. “Sempre achamos que seria divertido”, afirmou Kevin Feige, presidente da Marvel Studios (apud Weintraub, 2017).

Dinâmica emocional e recepção

A análise de sentimentos em redes sociais mostra que os cameos de Stan Lee continuam mobilizando reações intensas. A maioria das menções expressa nostalgia, gratidão e reconhecimento, enquanto críticas apontam para a centralização excessiva de

sua figura em detrimento de outros criadores como Kirby e Ditko. Esse panorama confirma que, mesmo após sua morte, Lee permanece símbolo disputado, reinterpretado por sucessivas gerações de fãs (HALL, 2003).

As homenagens póstumas e a circulação de suas imagens em mídias diversas evidenciam um fenômeno de memória cultural intergeracional. Fãs que nunca o conheceram nos quadrinhos constroem vínculo com sua figura por meio do cinema e das redes sociais, demonstrando como sua imagem se tornou signo cultural em constante negociação.

Ao realizar análise de sentimento dos fãs de Stan Lee, especialmente nos posts associados à recirculação dos cameos no perfil oficial do Instagram de Stan Lee nas páginas X, Facebook e Instagram e Reddit, é possível compreender o impacto contínuo de sua imagem na cultura digital contemporânea.

O processo de análise de sentimentos foi utilizado para entender como o público reage a determinados temas, sendo essencial no estudo das reações aos cameos de Stan Lee. O primeiro passo desse método consistiu na coleta de menções sobre o tema em plataformas digitais, incluindo redes sociais (X, Facebook e Instagram e Reddit), sites de notícias, blogs e espaços de discussão como YouTube e Reddit.

Para esse monitoramento, foram utilizadas ferramentas especializadas, como o BrandMentions. Elas são empregadas para rastrear palavras-chave relacionadas ao assunto, capturando uma ampla variedade de reações. Essa abordagem garante uma visão abrangente do contexto em que o tema está sendo discutido.

Com as menções coletadas, a etapa seguinte foi a classificação de sentimentos. Por meio de algoritmos de processamento de linguagem natural (PLN), as reações são categorizadas como positivas, negativas ou neutras, com base nas palavras e expressões utilizadas.

Comentários como “os cameos de Stan Lee são incríveis!” foram classificados como positivos, enquanto críticas como “Já cansei dessas aparições” são identificadas como negativas. Já os textos informativos ou sem carga emocional clara foram categorizados como neutros. Esse processo automatizado permitiu a análise de grandes volumes de dados de forma eficiente e objetiva.

Após essa etapa, os dados coletados passaram por um processo de refinamento. As menções irrelevantes ou duplicadas, como spam ou publicações fora de contexto,

foram removidas, garantindo que apenas informações relevantes e pertinentes pudessem ser analisadas. Desse modo, assegurou-se que os resultados finais sejam precisos e reflitam as emoções predominantes do público.

Na sequência, os dados foram organizados em categorias (positivas, negativas e neutras) e agregados por períodos específicos, como dias ou semanas, buscando facilitar a identificação de padrões e tendências, como variações no volume de sentimentos ao longo do tempo.

Por fim, os dados foram contextualizados em relação a eventos externos que pudessem ter influenciado as reações do público. Lançamentos, homenagens ou polêmicas foram analisados para explicar picos ou quedas nas emoções registradas. Nessa etapa final buscou-se compreender não apenas o que o público sentiu, mas também porque esses sentimentos surgiram.

A análise apresentada a seguir aplica esse método para examinar as reações aos cameos de Stan Lee entre os dias 9 e 15 de agosto de 2024, oferecendo informações sobre como essas aparições continuaram a impactar o imaginário coletivo. Percebe-se que Lee ocupa um lugar de destaque entre os entusiastas de HQs e cinéfilos. Para essas análises preliminares, foram utilizadas a ferramenta BrandMentions, com foco na análise de sentimentos. O Quadro 1 apresenta o resumo das reações coletadas:

Quadro 1 – Análise de sentimento em relação aos cameos de Stan Lee 9 aug 2024 - 15 aug 2024

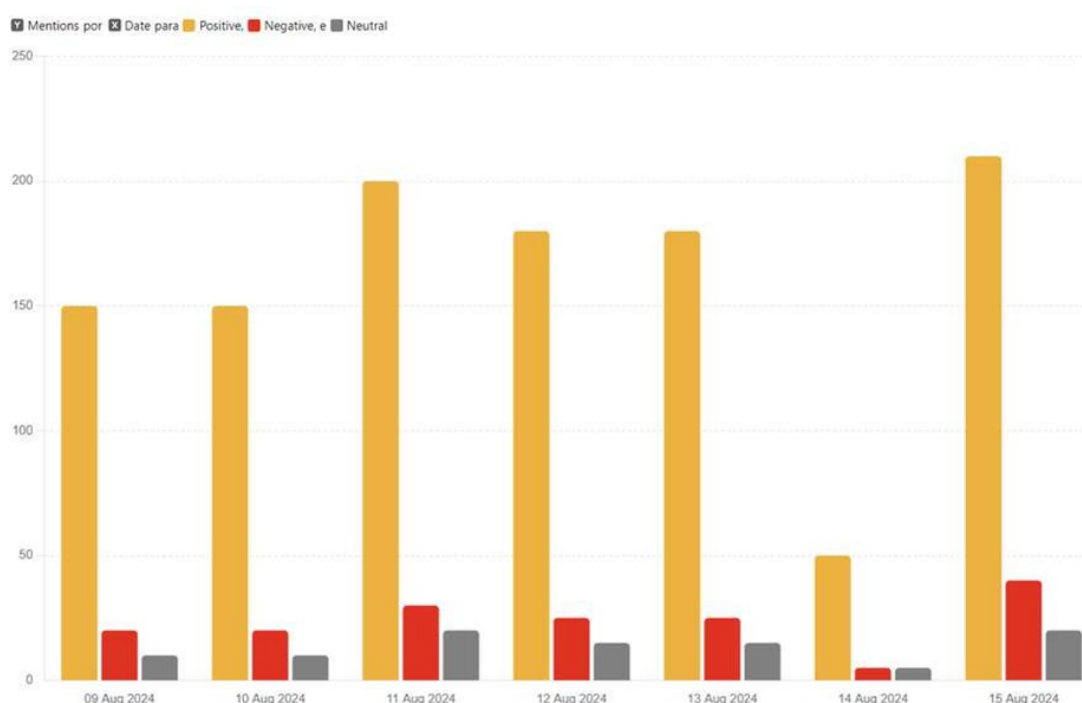
Sentimento Positivo	Uma parte significativa das discussões sobre Stan Lee é positiva. Os fãs frequentemente expressam admiração por suas contribuições criativas, apreciação por suas aparições nos filmes da Marvel e tristeza por seu falecimento.
Nostalgia e Gratidão	Muitos posts refletem um sentimento de nostalgia e gratidão. Os fãs lembram-se com carinho das aparições de Stan Lee e de sua personalidade exuberante.
Sentimento Negativo	Embora o sentimento geral seja esmagadoramente positivo, há menções negativas, relacionadas a controvérsias específicas ou críticas sobre certos enredos, ou desenvolvimentos de personagens. No entanto, essas instâncias são relativamente raras em comparação com os sentimentos positivos expressos.

Fonte: elaborado pela autora

Os dados analisados em gráficos de sentimentos (Figura 4) indicam uma predominância de reações emocionais positivas associadas a Stan Lee, com 994 menções favoráveis registradas durante o período da análise. Essas menções destacam o vínculo emocional que seus cameos criavam com o público, funcionando como um lembrete constante de sua importância histórica e afetiva.

Contudo, é significativo observar também a presença de 195 menções negativas, indicando uma dimensão crítica nas percepções. Parte dessas críticas aponta para o risco de uma centralização excessiva de sua figura, em detrimento de outros colaboradores criativos da Marvel, como Jack Kirby e Steve Ditko.

Figura 4– Análise de sentimento em relação aos cameos de Stan Lee 9 aug 2024 - 15 aug 2024



Fonte: desenvolvido pela autora

Ao analisar as reações dos fãs às homenagens póstumas, observa-se como a memória cultural se mantém viva por meio da perpetuação de imagens e ações simbólicas. Em suas análises sobre como a cultura popular se apropria de figuras públicas para continuar a disseminar suas ideias e influências, Hall (2003) argumenta que os símbolos culturais estão em constante negociação e reinterpretação. No caso de Stan Lee, suas aparições póstumas nos filmes funcionam como símbolos culturais, reinterpretados por

sucessivas gerações de fãs. Mesmo aqueles que não vivenciaram sua atuação nos quadrinhos podem construir uma conexão afetiva com sua figura por meio dos filmes e das constantes referências a ele no MCU.

Além disso, o fato de as homenagens póstumas serem amplamente celebradas em várias mídias (como filmes, séries, quadrinhos e internet) evidencia o fenômeno de memória cultural intergeracional, como proposto por Hirsch (1997).

Fãs mais jovens, que cresceram com o MCU, não têm o mesmo contato e vínculo com a história dos quadrinhos, como as gerações anteriores, mas ainda assim compartilham dessa memória cultural coletivamente transmitida por meio dos filmes e das aparições de Lee.

Dessa forma, mesmo após sua morte, Stan Lee assume uma posição transcendente, cujos cameos representam uma ponte entre gerações, fortalecendo o legado da Marvel e contribuindo para a consolidação de uma identidade coletiva no imaginário cultural contemporâneo.

As reações dos fãs em plataformas como X, Facebook e Instagram e Reddit refletem não apenas atos de celebração de sua memória, mas também uma negociação ativa entre os fãs e o legado da Marvel, evidenciando como a cultura de fã continua a ter um papel ativo na manutenção do status de figuras públicas, mesmo após sua morte.

Nesse contexto, o uso de Stan Lee como uma espécie de “Vigia” no MCU, conforme recorrentemente sugerido por fãs, reflete essa dinâmica de preservação e renovação da memória cultural. Mesmo após sua morte, a figura de Lee continua sendo uma presença marcante, com os fãs respondendo a essa presença com uma mistura de nostalgia, reconhecimento e, frequentemente, reverência.

A constante reiteração de sua imagem como parte do MCU, seja através de cameos póstumos ou de homenagens nas redes sociais, reforça a ideia de que, mesmo após a morte, o legado de uma figura pode continuar moldando o cenário cultural de um universo mais amplo.

Os cameos de Stan Lee funcionam mecanismos significativos de construção de memória social, contribuindo para a continuidade e renovação do seu legado no imaginário coletivo dos fãs da Marvel. Suas aparições exemplificam como elementos da cultura pop podem servir como veículos para a preservação e transmissão de memórias, conectando o passado ao presente de maneira dinâmica e significativa.

Ao longo do último século, os cameos de Hollywood refletiram as percepções mutáveis da celebridade, à medida que os fãs buscavam se aproximar mais intimamente das estrelas admiradas. Em última análise, o cameo, nesse contexto, posiciona o público não apenas como consumidor de celebridades e cultura de massa, mas também como agente ativo na criação de significados, ao reconhecer e refletir sobre quem é celebrado e por quê.

Desde as suas primeiras aparições nas HQs até suas últimas no formato de cameos no MCU, como em *X-Men* (2000) e *Homem-Aranha* (2002), Stan Lee encarnava uma dualidade simbólica: ele era tanto o criador reverenciado quanto o fã entusiasta, aparecendo brevemente na tela para agradar os fãs e reforçar sua conexão com o universo que ajudou a criar, como já abordado.

A figura midiática de Stan Lee tornou-se uma presença esperada e celebrada nos filmes, contribuindo para a narrativa de maneira única, servindo como um “selo de aprovação” e uma ligação direta com as origens das histórias em quadrinhos. Essas inserções proporcionavam uma sensação de continuidade e legitimidade ao universo cinematográfico. O impacto dessas aparições não se restringiu ao público casual, geral; porém, para os fãs de longa data, os cameos eram um lembrete tangível de que Lee permanecia conectado às histórias que ajudou a criar, mesmo quando sua participação criativa já havia diminuído.

No final, os cameos de Stan Lee encapsulam a dualidade de seu impacto, consolidando sua imagem como o “pai” da Marvel, e gerando as dinâmicas seletivas da memória cultural. Essa estratégia o transformou em um ícone permanente, cuja presença transcende o entretenimento e se integra à cultura pop global. Mais do que criar heróis, Lee garantiu que sua própria figura se tornasse parte do mito que ajudou a construir — um legado emoldurado, muitas vezes literalmente, na tela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte de Stan Lee em 2018 não encerrou sua trajetória, mas inaugurou uma nova etapa de apropriação simbólica. Sua imagem passou a ser mobilizada como ativo de memória e mercado, transformando-se em capital cultural administrado pela Marvel e pela Disney. Tal como em outros casos de mitificação pós-morte (Elvis Presley, Walt

Disney, Steve Jobs), sua figura foi reconfigurada como repertório simbólico pronto para ser ativado conforme demandas industriais.

As homenagens e aparições póstumas articulam estética da nostalgia e fins econômicos. Como alerta Debord (1997), no espetáculo tudo aquilo que era vivido converte-se em representação. No caso de Lee, sua imagem opera como simulacro: mesmo sem corpo presente, atua como garantia de autenticidade para a franquia. A memória de Stan Lee, celebrada como legado criativo, também é editada e enquadrada pela lógica do mercado, enfatizando genialidade e carisma enquanto suaviza contradições e disputas.

Essa operação reflete a ambiguidade do legado: entre homenagem afetiva e exploração mercadológica, entre memória coletiva e produto. Jenkins (2009) lembra que a cultura da convergência transforma histórias em camadas de interpretação e controle. A presença — e agora ausência programada — de Lee funciona como ponto de ancoragem simbólico para a Marvel em meio ao caos narrativo dos multiversos.

Em última instância, os cameos encapsulam a contradição do legado de Stan Lee: sua capacidade de permanecer icônico em um ambiente que o celebra e o consome simultaneamente. A memória de Lee persiste não apenas nas histórias que criou, mas no modo como sua imagem continua sendo recontada, reinterpretada e comercializada. Essa é a marca definitiva de sua transformação em dispositivo de memória e nostalgia na cultura pop global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, J. *Sociedade do consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Z. *A Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CASTELLANO, M; MEIMARIDIS, M. “Produção televisiva e instrumentalização da nostalgia: o caso netflix”. *Revista GEMInIS*, v. 8, n. 1, pp.60-86, jan-abr/2017.

Disponível em:

<https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/281>

CASTELLS, M. *Ruptura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2018, versão Kindle.



REVISTA BELAS ARTES

Volume 46, Número 3
Setembro - Dezembro / 2024

ISSN: 2176-6479

CASTRO, F. F. “Cultura Pop: entre o popular e a distinção”. In: SÁ, S. P.; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 34-44.

CAVNA, Michael. *The bizarre story of when Captain America battled Nixon*. *The Washington Post*, 2016.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 8.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FINGEROTH, Danny. *Stan Lee: uma vida*. [s.l.]: [s.n.], 2021.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

HUTCHEON, L. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1991.

JANOTTI JR., J. “Cultura Pop: entre o popular e a distinção”. In: SÁ, S. P.; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. *Cultura Pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 45-56.

KELLNER, Douglas. *Cultura da Mídia*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001

LEAL, B. S. ; BORGES, F.; LAGE, I. “Experiências de nostalgia: de Stranger Things a Vozes de Tchernóbil, diferentes construções nostalgizantes”. In: CRUZ, L. S.; FERRAZ, T. *Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2018, p. 47-66.

MATHIJS, Ernest “Cronenberg Connected: Cameo Acting, Cult Stardom, and Supertexts” in *Cult Film Stardom: Offbeat Attractions and Processes of Cultification*, ed. Kate Egan and Sarah Thomas (New York: Palgrave Macmillan, 2013), 146.

MARTEL, F. *Mainstream: A guerra global das mídias e das culturas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. eBook Kindle.

NIEMEYER, K. “O poder da nostalgia”. In: CRUZ, L. S.; FERRAZ, T. *Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2018, p. 29-46.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. *Memória, cultura e comunicação: perspectivas contemporâneas*. São Paulo: Pontes Editores, 2024.

ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

REYNOLDS. S. *Retromania: Pop culture's addiction to its own past*. Londres: Faber & Faber, 2011.

SOARES, T. Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop. *Logos: Comunicação e Universidade*. v.2, n.24; 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/logos.2014.14155>

WEINTRAUB, Steven. *Kevin Feige on 'Guardians 2', the Spider-Man Deal, and Avengers: Infinity War' and Beyond*. 12 maio 2017. Disponível em: <https://collider.com/kevin-feige-avengers-infinity-war-spider-man-interview/#guardians-of-the-galaxy-2>. Acesso em: 8 jan. 2025

WOLK, Douglas. *All of the Marvels: a journey to the ends of the biggest story ever told*. New York: Penguin Press, 2021.